

PALCO

JUIZ DE FORA, ABRIL 2009. ANO II Nº 05

CINEMA OS FESTIVAIS DE JUIZ DE FORA

Em 1966, Juiz de Fora reforçaria seu pioneirismo histórico ao sediar o Primeiro Festival do Cinema Brasileiro, evento que reuniu o melhor da produção audiovisual do país na época. Organizado em comemoração ao 116º aniversário da cidade, por iniciativa da Prefeitura Municipal, do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) e do Diretório Acadêmico dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Juiz de Fora, o festival aconteceu antes mesmo de as principais mostras cinematográficas contemporâneas serem criadas, como as de Gramado, Brasília, Rio e São Paulo.

O então presidente da Câmara Municipal, Wilson Jabour, o locutor da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Adolfo Cruz, e integrantes do CEC, que reunia nomes como o do crítico de cinema Décio Lopes, se mobilizaram para realizar o evento. Entre os dias 28 e 31 de maio de 1966, Juiz de Fora

ga, responsável por manter o alto padrão das produções exibidas e o espírito do festival. Reuniu-se um grande número de filmes, além de pessoas com o desejo de fomentar a discussão cinematográfica. Os festivais eram espaços fundamentais para divulgação, discussão, crítica e incentivo à produção cinematográfica brasileira.

A exibição das películas era acompanhada dos debates, que refletiam as polêmicas retratadas na tela. As discussões, alimentadas pelas emoções dos espectadores, criavam controvérsias acerca da produção nacional entre os artistas, realizadores, estudiosos de cinema, imprensa e público em geral. A segunda edição do Festival do Cinema reuniu, assim como na primeira, nomes conhecidos do mundo do cinema, teatro e televisão. Entre as presenças, a bela atriz estreada Anikk Malvil e a musa Leila Diniz.



NESTA EDIÇÃO

LITERATURA
JUIZ DE FORA NO
CENÁRIO BRASILEIRO

CENTRAL
OITO DÉCADAS
PARA CELEBRAR

MEMÓRIA
HISTÓRIA DO
CINE FESTIVAL

ENTREVISTA
EMMERSON
NOGUEIRA

MAMM
MURILO, VIEIRA DA
SILVA E ARPAD: O
ARQUIVO DE UMA
AMIZADE

recebeu produções relevantes do cenário nacional, que, normalmente, só seriam exibidas aqui muito tempo depois de seu lançamento ou nem mesmo chegariam às salas da cidade.

No primeiro dia, o Cine-Theatro Central abriu suas portas para receber o público ansioso. O entusiasmo da comunidade juiz-forana, da imprensa, dos turistas e dos cinéfilos engajados foi essencial para o sucesso do evento. Mais de cem pessoas, entre atores, atrizes, críticos, jornalistas, diretores e produtores, ficaram instalados no Imperial Hotel – o quartel general do festival –, na rua Batista de Oliveira. John Herbert, Jerry Adriani e Irma Alvarez integravam a lista das personalidades presentes.

A abertura, no Central, contou com a exibição de *O Santo Milagroso*, com direção de Carlos Coimbra e produção de Oswaldo Massaini. Também participaram do festival os cines Palace e Excelsior, exibindo curtas e longas-metragens, como *A hora e a vez de Augusto Matraga* (representante brasileiro no Festival de Cannes daquele ano), *Toda donzela tem um pai que é uma fera* e *Menino do Engenho*, de Walter Lima Jr., que foi o grande vencedor desta primeira edição do festival. A produção recebeu os prêmios de Melhor Filme e de Melhor Ator (Savio Rolim, o menino paraibano que fazia o personagem Carlinhos no filme).

Em entrevista ao Palco, mais de 40 anos depois, o diretor Walter Lima Jr. lembrou carinhosamente de como foi recebido pela cidade e pelo Festival, afirmando a importância de iniciativas como esta para o cinema nacional. "Estive apenas dois dias na cidade e pude sentir o quanto havia de vibração do público com o evento. Iniciativas como esta ajudaram a prestigiar o cinema brasileiro junto ao público, naquele momento, e muito ajudam ainda hoje."

O SEGUNDO FESTIVAL

Em 1967, a organização do festival passou às mãos do presidente da Comissão Organizadora dos Festejos Comemorativos, o jornalista e historiador Dormevilly Nóbrega,

Foi no ano do segundo festival que *Terra em Transe*, hoje um clássico do diretor Glauber Rocha – depois de haver conquistado três prêmios em Cannes –, foi agraciado com três placas de prata "João Gonçalves Carriço" no II Festival Brasileiro: Melhor Filme, Melhor Ator (José Lewgoy), e Melhor Atriz (Glaucete Rocha). Foi também em Juiz de Fora que a estreia nacional de *Mar Corrente* – com direção de Jair Carlos de Oliveira e estrelado por Paulo Autran, Norma Bengel e Antonio Pitanga – atraiu grande número de espectadores. Outra representativa produção exibida durante o festival foi *A opinião pública*, de Arnaldo Jabor.

A realização do Festival de Cinema Brasileiro resultou da efervescência cultural de Juiz de Fora na década de 60, evidente também na música, nas artes plásticas e no teatro. O CEC, fundado em 1957, reunia figuras como o escritor Affonso Romano de Sant'Anna e tinha seu foco voltado para a crítica cinematográfica, atraindo teóricos que frequentavam o local devido à qualidade dos debates que ali aconteciam. O Centro de Estudos funcionava na Galeria Pio X, onde havia ainda a Galeria de Arte Celina, fundada pelos membros da família Bracher, e a sede do DCE.

A história cinematográfica de Juiz de Fora, porém, não se inicia com os festivais: o juiz-forano João Gonçalves Carriço, pioneiro na produção cinematográfica de Minas Gerais, já exibia seu trabalho independente desde os anos 30. Os cine-jornais eram documentários de curta duração sobre os acontecimentos relevantes da cidade. Seu nome foi, por isso, o escolhido para nomear a placa de prata, entregue aos vencedores dos festivais.

Esta tradição de cinema continua agora com o Festival Primeiro Plano, que reflete a democratização do cinema atual, graças à revolução digital. Durante o evento, que realizou sua sétima edição em 2008, Juiz de Fora recebe em primeira mão produções a que dificilmente teria acesso e dá oportunidade à cidade de divulgar sua produção audiovisual.





LITERATURA A CIDADE NO CENÁRIO NACIONAL

Até recentemente, era muito difícil construir uma carreira literária sólida a partir de Juiz de Fora. Sem precisarmos insistir nos casos do poeta Murilo Mendes (1901-1975) e do memorialista Pedro Nava (1903-1984), ambos reconhecidamente maiores em suas respectivas searas, que deixaram a cidade ainda na década de 1930, a antiga Estrada União e Indústria foi, por quase todo o século XX, o caminho natural por onde se escoavam os talentos nascidos na cidade. Assim, para o Rio de Janeiro "desceram" o contista e romancista Rubem Fonseca (1925), consagrado internacionalmente; a ficcionista Ruth Bueno (1925-1985); os memorialistas Rachel Jardim (1926) e Fernando Gabeira (1941); Affonso Romano de Sant'Anna (1937), um dos nossos mais importantes poetas brasileiros vivos; Maria Thereza Noronha (1939) e Julio Castañon Guimarães (1951), este também pesquisador de renome. Para Belo Horizonte, "subiram" os poetas Walter Sebastião (1954) e Ronald Polito (1961), e, para Sete Lagoas, Sérgio Klein (1963), hoje, um dos mais expressivos autores de literatura juvenil do Brasil.

A consolidação da Universidade Federal de Juiz de Fora, inaugurada em dezembro de 1960, como polo de atração intelectual da Zona da Mata, aos poucos vem modificando esse quadro. Estudantes que viam a cidade apenas como lugar de passagem acabaram lançando raízes por aqui, dando início a um movimento que, agora, começo do século XXI, começa a frutificar. Se recuarmos no tempo, veremos que foi a publicação do folheto *Poesia*, coordenado pelo professor e poeta Gilvan Procópio Ribeiro (1945), natural de Rio Novo, e pelo poeta prematuramente desaparecido José Henrique da Cruz (1957-2003), nascido em Mutum, com a efetiva participação do juiz-forano Jorge Sanglard (1954), que constituiu a base para a formação do mais interessante núcleo da poesia brasileira contemporânea.

Sempre incentivados por Gilvan Ribeiro e capitaneados por Sanglard e José Henrique da Cruz, *Poesia* se desdobrou na revista *Bar*

Brasil, de repercussão até no Rio de Janeiro, que, por sua vez, originou o *Abre-Alas*, editado por José Santos Matos (1959), que, de 1979 a 1981, movimentou a cidade com passeatas e comícios poéticos no calçadão da Rua Halfeld e com a edição de um folheto de repercussão nacional. Incorporando novos autores que surgiam, em 1983, apareceu a revista *D'Lira*, projeto sofisticado e audacioso que, embora tenha durado apenas três números, revelou que aquele núcleo literário possuía fôlego para se estabelecer de vez.

Hoje, Juiz de Fora é conhecida no resto do país como um celeiro de excelentes poetas. São nomes consolidados como os "nativos" Julio Polidoro (1959), Edimilson de Almeida Pereira (1963), este traduzido e estudado em várias universidades norte-americanas, e Knorr (1965); e os "forasteiros" Iacyr Anderson Freitas (1963), natural de Patrocínio do Muriaé, cuja vasta obra compreende premiações no Brasil e no estrangeiro, além de traduções em várias idiomas, e Fernando Fiorese (1963), de Pirapetinga, também um contista maior. Recentemente, a esse grupo se juntou a poeta, contista e pesquisadora suíça Prisca Agustoni (1975). Ao grupo, acrescenta-se Édimo de Almeida Pereira (1969), que vem se revelando como destacado autor de literatura infantil e juvenil. Aliás, vale lembrar ainda que, após uma destacada projeção nos cenários nacional e internacional, os escritores Eliardo e Mary França, autores de mais de 300 livros voltados ao público infantil, retornaram a Juiz de Fora, onde fundaram uma editora que, além de publicar seus próprios títulos, revela outros nomes.

Luiz Ruffato

Escritor, autor de *Eles eram muitos cavalos* e do projeto *Inferno Provisório*, composto de cinco títulos, dos quais quatro já publicados: *Mamma, son tanto felice*, *O mundo inimigo*, *Vista parcial da noite* e *O livro das impossibilidades*.

CENTRAL FESTA PARA OS 80 ANOS

No ano de comemoração das oito décadas de um de seus maiores símbolos culturais, o Cine-Theatro Central, Juiz de Fora será a grande presenteada com as festividades propostas para celebrar a data. Responsável pelo planejamento, produção e divulgação dos eventos comemorativos – totalmente franqueados à comunidade –, a comissão "Central 80 Anos" tem se reunido com frequência. A equipe é formada por José Alberto Pinho Neves (presidente), Marcelo Rodrigues (administrador do Cine-Theatro Central), Kleber Ramos e Paulo Soares (UFJF), Eduardo Leão (Apes), Paulo Dimas (Sintufejuf), Andréa Gerheim (Funalfa) e Alessandro Gomes (DCE).



No dia 26 de março, o espetáculo de Sueli Costa e Fernanda Cunha, realizado no Museu de Arte Murilo Mendes, marcou o coquetel de apresentação da programação celebrativa de 80 anos. Carioca de nascimento, mas juizforana de coração, Sueli lembrou o papel do teatro na sua carreira: "O Central significa o início de minha vida profissional de palco. Comecei lá, nos festivais de música. Minhas duas irmãs e eu formávamos o *Trieto*;

meu irmão Elcio Costa tocava violão conosco e os arranjos ficavam por conta de meu irmão mais velho, Afrânio Costa. A família inteira participava. Minha mãe e meu pai passavam mal do coração, torcendo por nós na plateia. Foi ali que tudo começou."

Em 30 de março, foi a vez do cantor e compositor Emmerson Nogueira fazer um bellissimo show no Central. Todos os eventos comemorativos são identificados por um selo dos 80 anos. No dia 23 de abril, uma apresentação reunirá a Orquestra Filarmônica do Centro Cultural Pró-Música e a Orquestra de Sopros Montigny-en-Gohelle, em comemoração também ao Ano da França no Brasil. Em 8 de maio, o grupo

Giramundo traz ao Central seu espetáculo *Giz*. Estão previstos ainda o lançamento de um livro, a apresentação do grupo de teatro mineiro Ponto de Partida, que irá estreiar sua mais nova criação, e a produção de pequenos filmes publicitários sobre 80 curiosidades do teatro. Uma grande reforma nas estruturas de som e de luz, nos banheiros e no foyer do prédio também está programada.

Inaugurado em 30 de março de 1929, o Cine-Theatro Central foi concebido para ser cenário das melhores expressões artísticas locais e nacionais. Por toda a sua história, o teatro valorizou os espetáculos que tomaram forma em seu palco – sejam eles dança, música, drama, comédia, canto, marionetes, palestras, festivais ou cinema.

AOD



A compositora e cantora Sueli Costa em apresentação no MAMM



MEMÓRIA CINE FESTIVAL

O cinema era a principal forma de lazer nos anos 60 quando a Companhia Central de Diversões, então proprietária do Cine-Theatro Central, detinha o controle de seis salas de exibição em Juiz de Fora. Para os espectadores, havia desde opções populares, como os cinemas São Mateus e Rex, até as mais luxuosas, como o São Luiz e o Palace. Ao final da década, com o intuito de diversificar a programação cinematográfica na cidade, oferecendo sessões de filmes de arte, a Companhia inaugurou mais um cinema: o Cine Festival.

Com capacidade para 105 pessoas, a pequena sala antecipa uma tendência que somente se firmaria décadas depois: os cinemas de poucos lugares. A instalação foi realizada no segundo piso do cine-teatro, onde antes funcionava o escritório da Companhia – posteriormente transferido para o segundo andar do Palace. “Como o local abrigara um escritório, muita coisa já estava pronta. Tudo que tivemos que fazer foi o levantamento dos cavaletes, a colocação do assoalho e a edificação da cabine. Em 20 dias construímos o Festival”, recorda-se o ex-funcionário do Central Waltencir Parizzi.

A inauguração ocorreu no dia 31 de maio de 1969, como parte das comemorações do aniversário de 119 anos da cidade. O então prefeito de Juiz de Fora, Itamar Franco, assim como o diretor da Secretaria de Educação e Cultura, professor Murílio Hingel, estavam presentes ao evento (foto acima). Os convidados assistiram ao romance *Mon amour, mon amour*, do diretor Nadine Trintignant, além de um documentário da Carriço Filmes.

Pouco depois, no dia 24 de junho, o cinéfilo Carlos Barbosa entrou pela primeira vez no Cine Festival, para assistir a uma sessão de *A megera domada* – filme baseado na obra de William Shakespeare, com Elisabeth

Taylor e Richard Burton nos papéis principais. Barbosa tornou-se frequentador assíduo e, hoje, se lembra da decoração do local com impressionante riqueza de detalhes. “Era um cinema muito aconchegante, em madeira, com forro de eucatex branco perfurado e apliques luminosos nas laterais. Sobre as paredes da sala de espera caíam pesadas cortinas e, para separá-la do ambiente de projeção, havia uma porta acolchoada que abria em par. Na escada de acesso exibiam-se pôsteres emoldurados de atores da época.”

Barbosa cultivava o hábito de anotar em seu caderno o título, o nome dos atores, a data e o local de exibição de todas as produções a que assistia, o que, com o tempo, lhe rendeu o registro de mais de cinco mil filmes. O *estranho acidente*, com Jacqueline Sassard, *Pânico no ano 2118*, com Christopher George, e o documentário *Jornada infinita*, sobre a viagem do homem à lua, foram alguns dos filmes a que assistiu no Festival. *Tora! Tora! Tora!* eu vi em todos os cinemas da cidade”, orgulha-se.

A sala funcionou por 25 anos. As últimas exhibições aconteceram em junho de 1994, no festival *Cinema no Coração da Cidade*, promovido pelo *Luzes da Cidade* – Grupo de Cinéfilos e Produtores Culturais. “Naquela época, o cinema já não oferecia mais sessões. O evento foi dividido em duas mostras, com uma semana de duração cada uma. No dia 12 de junho, data de encerramento da segunda, o último projetor quebrou, e tivemos que exibir o *Banquete de Casamento no Central*”, revela o membro fundador do *Luzes da Cidade*, Carlos Pernisa Júnior.

O Cine Festival deixou o circuito cultural juiz-forano para habitar para sempre a memória da cidade como um espaço para filmes de pequenas bilheterias e plateias exigentes que, hoje, chamaríamos de cinema cult. GP

ENTREVISTA EMMERSON NOGUEIRA

Nascido em Belo Horizonte e criado na pequena São João Nepomuceno (MG), o cantor e multi-instrumentista Emmerson Nogueira tornou-se conhecido por revestir de novas roupagens grandes clássicos do rock. Canções de Pink Floyd, Beatles, Supertramp, Eagles, Creedence Clearwater Revival e dezenas de bandas históricas fazem parte de seu repertório. No último dia 30 de março, o Cine-Theatro Central comemorou 80 anos com um show emocionante de Emmerson e sua banda, marcado por forte participação do público.



Como é tocar no aniversário de 80 anos do Cine-Theatro Central?

Para mim, é uma meta atingida. Ser escolhido para essa comemoração é sinal de respeito com meu trabalho, o que amacia meu ego e me dá energia para fazer cada vez mais coisas boas. O Central é um lugar que fica na memória. Os artistas que se apresentam aqui vivem uma experiência até mais interessante do que aqueles que o assistem, porque conseguem ver o teatro inteiro: toda a estrutura, a arquitetura, as pinturas. Enquanto quem está na plateia vê o show, nós, que estamos em cima do palco, testemunhamos o espetáculo que é o teatro. Já toquei aqui outras vezes e me emocionei bastante no palco, só por ver o Central.

Você começou tocando berimbau?

Sim, o berimbau foi meu primeiro instrumento e até hoje eu gosto de tocar, embora não tenha muito tempo para praticar.

E como se deu a transição do berimbau para o violão?

Meu próprio mestre de capoeira tinha um violão. Certo dia, peguei o instrumento e comecei a tocar tudo que antes eu fazia no berimbau. Lembro-me que a primeira música que aprendi foi de Alceu Valença: (cantando) “A solidão é fera / a solidão devora”. Fui aprendendo aos pouquinhos e, quando percebi, a capoeira já estava em segundo plano.

Nessa época de adolescência, quais foram suas principais inspirações?

Quando eu comecei a tocar, não havia Internet, nem MTV, nem nada. A influência vinha dos amigos da cidade mesmo, os caras mais velhos que faziam rodinhas em bares. Cada vez o violão passava na mão de um, até que chegava em mim. Havia aqueles que eram os meus ídolos, para quem eu olhava e pensava: ‘Nossa, aquele cara vai tocar, que música será?’ Eu observava e aprendia, para poder tocar também na próxima rodinha.

Você já recebeu muitas críticas por tocar covers em vez de músicas autorais. Como você lida com isso?

Eu poderia escrever um livro sobre tudo que já aconteceu comigo durante esses anos; tudo que as pessoas falam, que querem saber, que não sabem. Tocar um cover é interpretar uma música que não é sua, e fazer um cover é reproduzir a gravação exatamente como ela foi feita. O que a banda e eu fazemos é uma releitura aproximada da canção original, e não uma cópia. Há inúmeros componentes nas músicas que são criações nossas. Mudamos o tom, o arranjo, a levada. O que me afeta não é a crítica dizer que eu toco ou não cover, mas falar sem conhecimento de causa. Hoje, no Brasil, acontece muito o seguinte: um artista vai fazer um disco e recebe uma série de composições feitas por outros para ele gravar. Qual é a verdade dessa pessoa? Quer dizer que porque ela toca música ‘própria’ ela tem personalidade, e eu não? Além disso, muitos dos que assistem ao meu show jamais terão oportunidade de conferir ao vivo as bandas que toco. Proporciono a elas essa experiência; dou às pessoas a oportunidade de cantarem comigo.

Quais são seus planos para o futuro?

Este mês vou lançar meu novo CD, *Versão Acústica 4*, que é a continuação das releituras. Em 2003, lancei o terceiro *Versão Acústica* e, agora, depois de muito tempo, vou retomar esse tipo de trabalho. Estou feliz porque voltei para algo que sempre gostei de fazer e que é um desafio para mim. Tocar música dos outros é fácil, o difícil é tocar e agradar. É um trabalho que gera não só aprendizado, mas também recompensa.

GP

CINE-THEATRO CENTRAL
Praça João Pessoa, s/n.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

01.04, 21h *Tango-A-Tierra*,
Companhia Tango 21
04.04, 20h *Velório pra morrer
de rir*, Thadeu Santos
05.04, 17h *O Bicho-Papão*, Os
Mensageiros. Projeto Sérgio
Lessa
07.04, 20h *Estilo: Moda e
Comportamento*, Glória Kalil
16.04, Orquestra Filarmônica
de Minas Gerais
23.04 Orquestra Filarmônica do
Centro Cultural Pró-Música e a
Orquestra de Sopros Montigny-
en-Gohelle
25.04, 21h30 Rita Lee

FORUM DA CULTURA
Rua Santo Antônio, 1112
(32) 3215-3850
www.forumdacultura.ufjf.br
Terça a sexta: 14h às 20h30

GALERIA DE ARTE
24.03 a 01.05 Maquetes
Cenográficas

**MUSEU DE CULTURA
POPULAR**
31.03 a 01.05 Dia de Índio

TEATRO
04 e 05.04 XXIV Seminário Os
Caminhos do Teatro

MAMM
**MUSEU DE ARTE
MURILO MENDES**
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229 9070
www.mam.ufjf.br
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13 às
18h

EXPOSIÇÕES
Via Del Consolato, 6 - Roma,
Italianos na coleção Murilo
Mendes. Galeria Convergência.
A crítica de arte foi poetizada
por Murilo em sua obra
A Invenção do Finito, que narra
sua percepções das tendências
artísticas de seu tempo.
Certidões do Tempo. Galeria
Retratos-relâmpago
Coletiva de imagens de artistas
juiz-foranos, associadas aos
textos de Murilo Mendes, retira-
dos da obra *A idade do serrate*,
suas memórias de infância.
Arte Naif: Metáforas populares.
Galeria Poliedro
A arte naif, no Brasil, se dedica
à riqueza da cultura popular. As
imagens ingênuas e espontâneas
representam memórias,
mitos, lendas e espetáculos.

DIÁLOGOS ABERTOS
14.04, 19h Juracy Neves
28.04, 19h Waltencir Parizzi
MUSICAMAMM
23.04, 20h Dudu Lima e Salim



VIEIRA DA SILVA, *Retrato de Murilo Mendes*, óleo s/tela, 1942



Vieira da Silva, Arpad Szenes e Murilo Mendes

MAMM ECOS DE UM AFETO

A amizade entre Murilo Mendes e a artista plástica portuguesa Maria Helena Vieira da Silva e seu companheiro, Arpad Szenes, está agora documentada no acervo do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Os escritos são réplicas cedidas pela Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, com sede em Lisboa, e constituem importante fonte histórica para pesquisadores.

A correspondência, que data de 1941 a 1975, foi adquirida por meio da cooperação entre as instituições. A política de levantamento e negociação com outros acervos – como a Fundação Portinari e a Casa de Rui Barbosa, por exemplo – é uma importante diretriz assumida pela Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A compilação de cartas e mensagens será catalogada e disponibilizada para consulta no Museu.

A coleção adquirida consiste em 110 documentos, entre cumprimentos por datas festivas, agradecimentos e cartas que tratam de informações sobre publicações de Murilo e exposições de Arpad e Vieira da Silva, além de poemas como *Lisboa e Poema nu*. Além destes, constam 49 cartões postais enviados por Murilo aos “bichos” – apelido dado pelo poeta aos amigos artistas plásticos.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, Arpad e Vieira da Silva partiram de uma Paris em iminente ocupação nazista – húngaro, Arpad era também judeu – e, um ano mais tarde, chegaram ao Brasil e fixaram residência no Rio de Janeiro. A facilidade com a língua foi fator determinante na escolha do destino dos artistas.

Aqui encontraram pouco trabalho e uma crítica severa, mas também relações que se mantiveram intactas. Murilo Mendes, Carlos Scliar e Cecília Meireles foram alguns dos companheiros no autoexílio. A preocupação da pintora com a guerra originou *Le désastre* (1942), um dos mais famosos quadros de Vieira da Silva. Inspirado em uma das obras da artista, *Harpo-sofá* (1942), Murilo Mendes dedicou-lhe um poema homônimo.

Com o retorno à Europa após a guerra, Vieira da Silva e Arpad têm nas cartas um meio de se manterem próximos aos amigos brasileiros. A última carta enviada por Murilo, também assinada por Maria da Soudade, agradece os cumprimentos pelo aniversário e manifesta a vontade

de reencontrar os amigos – desejo não cumprido em função da morte do poeta dois meses mais tarde.

VIDA E ARTE

Lisboeta, Maria Helena Vieira da Silva nasceu em 1908. A artista passou grande parte da infância na casa do avô materno, em meio a uma Lisboa agitada pelas mudanças políticas e sem jamais ter frequentado escolas. Por gosto e incentivo da família, se interessou cedo por escultura, pintura e música.

Aos 20 anos, partiu para a capital francesa e optou definitivamente pela pintura. Embora não tenha se inserido em nenhum dos movimentos em voga à sua época, Vieira da Silva esteve atenta às novidades, sem abandonar as lições dos grandes pintores. Em Paris, a artista frequentou a *Académie de la Grande Chaumière*, onde conheceu o pintor húngaro Arpad Szenes, seu companheiro por toda vida.

Szenes nasceu em Budapeste, onde frequentou a Academia Livre, conhecida por ser avançada e liberal. Antes de se fixar em Paris, onde também cursou a *Académie de la Grande Chaumière*, percorreu diversas outras cidades europeias.

Ilustrador, gravador, desenhista e professor, Arpad Szenes afirmou-se na década de 1960 como pintor de sucesso. No período em que se exilou no Brasil, ilustrou a tradução de *A Canção de Amor e de Morte da Porta-Estandarte Cristóvão Rilke*, de Rainer Maria Rilke, feita pela amiga Cecília Meireles.

Após os anos vividos no Brasil, Vieira da Silva e Szenes retornaram à Europa e receberam nacionalidade francesa. Foi principalmente na França que os artistas tiveram seus talentos de início reconhecidos. A partir da década de 1950, exposições individuais de Vieira da Silva aconteceram em diversos países – Estados Unidos, Inglaterra, Itália e Portugal.

Reconhecida internacionalmente, e cidadã francesa, a artista nunca se manteve à margem da história de seu país e presenciou, em 1990, a criação da fundação que leva seu nome e do companheiro, Arpad Szenes.



ARPAD SZENES, *Retrato de Murilo Mendes*, óleo s/tela, n/a. /n.dat.